

## Índice

Uma Viagem à Índia (2003-2010)	
Canto I	15
Canto II	61
Canto III	111
Canto IV	163
Canto V	205
Canto VI	247
Canto VII	293
Canto VIII	335
Canto IX	379
Canto X	419
Melancolia contemporânea (um itinerário)	479
Posfácio: Uma Viagem no Coração do Caos	501

Uma Viagem à Índia  
(2003-2010)

1

Não falaremos do rochedo sagrado  
onde a cidade de Jerusalém foi construída,  
nem da pedra mais respeitada da Antiga Grécia  
situada em Delfos, no monte Parnaso,  
esse Omphalus — umbigo do mundo —  
para onde deves dirigir o olhar,  
por vezes os passos,  
sempre o pensamento.

2

Não falaremos do Três Vezes Hermes  
nem do modo como em ouro se transforma  
o que não tem valor  
— apenas devido à paciência,  
à crença e às falsas narrativas.  
Falaremos de Bloom  
e da sua viagem à Índia.  
Um homem que partiu de Lisboa.

3

Não falaremos de heróis que se perderam  
em labirintos  
nem na demanda do Santo Graal.  
(Não se trata aqui de encontrar a imortalidade  
mas de dar um certo valor ao que é mortal.)  
Não se abrirá uma cova para encontrar o centro do mundo,

nem se procurará em grutas  
nem em caminhos da floresta  
as visões que os Índios idolatravam.

4

Não se trata aqui de fazer um jejum  
no alto da montanha sagrada  
para que a fraqueza e os ares elevados  
possibilitem tremores e doenças benignas.  
Trata-se simplesmente de constatar  
como a razão ainda permite  
algumas viagens longas.  
Falaremos de Bloom.

5

Não iremos admirar de perto o Vesúvio,  
nem deitaremos animais  
para a cratera de modo a acalmar os elementos.  
Não mataremos pela água da juventude eterna,  
nem amaldiçoaremos nomes  
atirando tábuas com letras malditas  
às águas de Bath, em Inglaterra.  
Não falaremos das grandes Pirâmides de Gizé,  
das suas múltiplas passagens secretas  
que permitem a entrada ou a fuga dos homens.

6

Não falaremos das ruínas de Stonehenge  
ou de Avebury,  
nem dos alinhamentos demasiado exactos de pedras  
na Ilha de Lewis.  
Não falaremos desses milagres deixados  
um pouco por todo o mundo,  
dessas cartas em pedra que os antigos nos enviaram.  
Falaremos de um homem, Bloom,  
e da sua viagem no início do século XXI.

7

Não falaremos dos terríveis acontecimentos naturais  
da história do mundo.  
Terramotos e maremotos, ciclones no Bangladesh,  
tufões nas Caraíbas  
— o mundo abana e sofre de incêndios e inundações  
desde Noé, pelo menos.  
Não falaremos da Pedra Negra em Meca  
e das sete voltas que essa pedra exige  
que um crente dê em redor da praça.  
Falaremos de Bloom e da sua viagem  
de Lisboa à Índia.

8

Não falaremos da cidade inca de Machu Picchu  
não falaremos das grutas de Lascaux,

nem dos seus desenhos acriançados,  
ameaçadores e sérios.

Não falaremos dos cavalos chineses  
nem dos seres mitológicos das rochas  
em Ontário.

Falaremos de Bloom. E da sua viagem à Índia.

## 9

Não falaremos do aparecimento súbito  
de anões em certas grutas do México,  
nem dos penhascos no Colorado  
onde dentro da pedra se construíram casas.

Não falaremos de mesas de pé-de-galo  
e das periódicas visitas do Além às casas  
de cidadãos racionais.

Falaremos de uma viagem à Índia.

E do seu herói, Bloom.

## 10

Falaremos da hostilidade que Bloom,  
o nosso herói,  
revelou em relação ao passado,  
levantando-se e partindo de Lisboa  
numa viagem à Índia, em que procurou sabedoria  
e esquecimento.

E falaremos do modo como na viagem  
levou um segredo e o trouxe, depois, quase intacto.

11

É indispensável tornar conhecidas acções terrestres  
com o comprimento do mundo e a altura do céu,  
mas é importante também falar do que não é assim  
tão longo ou alto.

É certo que os Gregos tentaram aperfeiçoar  
tanto a Verdade quanto o gesto,  
porém as ideias foram de longe as coisas mais mudadas.  
Eis pois o momento de colocar a Grécia  
de cabeça para baixo  
e de lhe esvaziar os bolsos, caro Bloom.

12

Cuidado com os homens que partem com vontade  
e felizes: na primeira acção, se necessário,  
serão capazes de matar.

Cuidado, pois, Bloom, com a tua vontade.  
(Mas preocupa-te também, nesta viagem,  
com o modo como fazes as coisas.)  
Porém Bloom não parte de Lisboa feliz, o que já não é mau.

13

Mas atentemos nesta outra história (uma parábola?).  
Da multidão sai um homem  
que corre em direcção  
a uma linha imaginária.  
Esse homem não está louco;